

O Trabalho e a Educação: As Influências na Construção de Identidade do Jovem

Ana Carina Tavares ¹
anatavares@feevale.br

Patrícia Wolffenbüttel ²
patriciaw@feevale.br

Resumo:

Neste artigo, pretende-se discutir questões referentes aos processos de formação do jovem promovendo, uma reflexão sobre sua condição de estudante e trabalhador, compreendendo as possíveis influências desses processos para a formação de sua identidade. Diante de uma sociedade injustamente estruturada e organizada, muitos jovens experimentam prematuramente a sua inclusão no mundo do trabalho. Frente a esse problema, muitos acabam vivenciando seus anos escolares juntamente com a inserção no mundo do trabalho. Desse modo, o jovem muitas vezes não encontra orientação adequada, pois a escola não o vê como sujeito trabalhador e o trabalho não o vê como estudante. Talvez por falta de integração entre esses dois campos, muitos jovens acabam desistindo da educação, ingressando no mundo do trabalho sem a preparação e a formação necessárias, antecipando seu ingresso na vida adulta e influenciando seu processo de formação como sujeito, refletindo diretamente em sua visão e em suas perspectivas de futuro.

Palavras-chave: jovem, educação, trabalho, identidade.

Abstract:

In this article, it is intended to argue some questions about the young's formation processes leading

to a reflection on this while people are at the same time students and workers, understanding how much these processes contribute for their identity formation. In an unfairly structuralized and organized society, many young people prematurely try their inclusion in the world of the work. Facing this problem, many of these students spend their school time getting in the labor market. In this way, the young does not find adjusted orientation, therefore the school does not see him/her as a worker subject and the work does not see him/her as being a student. Perhaps for a lack of integration between these two fields, many young people decide to give up education, entering in the labor market without experience and necessary formation, anticipating their entrance in the adult life and influencing in their formation process, reflecting directly in their vision and perspectives about the future.

Keywords: young, education, work, identity.

Introdução

Este artigo discute alguns aspectos que contribuem para a formação da identidade do jovem, como sujeito estudante e trabalhador, analisando algumas dificuldades que ele enfrenta nesse momento. Para iniciar essa discussão, serão pontuados alguns aspectos sobre a caracterização desse jovem.

¹ Ana Carina Tavares é graduada em Pedagogia - com habilitação em Orientação Educacional, Especialista em Pedagogia Empresarial, pelo Centro Universitário Feevale.

² Patrícia Wolffenbüttel é graduada em Pedagogia, pela UNISINOS, Especialista em Psicopedagogia, Mestre em Educação pela UNISINOS e doutoranda em Educação pela PUC-RS.

1.1 O jovem e suas transformações

É próprio do ser humano planejar metas e objetivos que deseja alcançar. Estruturar planos e, a partir deles, alcançar o objetivo. À medida que as coisas vão acontecendo, percebe-se o que é realmente possível de se conseguir e o que, muitas vezes, é necessário mudar, a fim de alcançar as metas propostas.

Para o jovem, essas metas têm caráter ilusório, pois ele acredita na relativa facilidade de alcançá-las. O jovem é aquele que tem mais ansiedade e persistência, para alcançar seus ideais. A respeito da juventude, os autores Levi e Schmitt destacam que:

O verão escolhido por Ovídio para simbolizar a juventude representa bem essa fase da vida humana que é realmente 'fecunda e ardente'. O verão é a estação das tempestades, das altas temperaturas, ora é o Sol, ora é a Chuva. Na juventude também é assim, acontece tempestade de emoções, as paixões são mais ardentes, e os sentimentos sofrem constantes oscilações. São momentos de crise, individual e coletiva, mas também de compromisso entusiástico e sem reservas: e, no fundo, não vamos encontrar os jovens na linha de frente das revoltas e revoluções? (LEVI & SCHMITT, 1996, p.12).

O jovem de hoje é formado por várias influências que vêm transformando sua história, fazendo com que, muitas vezes, o significado conotativo da palavra juventude esteja relacionado à palavra revolução. Essa idéia se fundamenta no fato de que, por estar vivendo em constantes transformações, o jovem não se acomoda perante o problema e acredita que tudo é passível de mudanças.

No Brasil, a história mostra-nos claramente essa relação. Talvez o início da revolução do nosso jovem tenha ocorrido no final dos anos 60, início da década de 70, durante a ditadura militar, em que muitos movimentos transformaram a vida desse jovem. Essas transformações, no plano mundial, decorreram dos acontecimentos do ano de 1968, na França, durante o famoso Maio de 68, momento em que surgiu a expressão é "Proibido Proibir", que acabou se transformando em uma imensa revolução cultural.

A juventude tem marcado presença em todas as décadas e tem forte característica em cada uma. Os anos 50, no Brasil, ficaram marcados pelos Anos Dourados; na década de 1960-1970, os Anos Rebeldes, a juventude foi vista como revolucionária. Depois de algum tempo, nos anos 90, os "Caras Pintadas" foram a marca do espírito de resistência e luta. Em todos os momentos, o jovem tem sido presença marcante na história, deixando evidente suas características.

Dessa forma, pode-se inferir que se evidencia claramente no jovem a sua impulsividade, a projeção de sonhos, mas, concomitante aos sonhos, vem o desejo

de que estes sejam facilmente realizados. Assim, é comum a presença da frustração diante da derrota. Junto a essa impulsividade, está a sua ânsia e o seu desejo pelo novo.

Além das transformações físicas e biológicas, o adolescente passa por uma outra transformação, representando quase que uma ruptura, pois passa da sua vida de criança à vida de pré-adulto. Segundo Calligaris,

O adolescente se olha no espelho e se acha diferente. Constata facilmente que perdeu aquela graça infantil que, em nossa cultura, parece garantir o amor incondicional dos adultos, sua proteção e solitudes imediatas. (Calligaris, 2000, p.24).

Nesse sentido, a responsabilidade começa a ser maior, pois seus atos têm conseqüências que são refletidas na sua própria vida, precisa tomar decisões. Além disso, o pai e a mãe não estão mais sempre por perto.

E, este é um grande conflito. A separação do pai e da mãe, algumas vezes tão sonhada e esperada em outros momentos, começa a ser difícil. Os sentimentos passam a ter duplo sentido, pois ao mesmo tempo em que sonha com a liberdade, o jovem não quer ser totalmente livre. Esse conflito ora gerenciado pelos pais, ora conduzido pelos filhos, perturba o pensamento e provoca um sentimento de perda para ambos.

O jovem, a partir das transformações da adolescência, passa a viver em um mundo de turbulência. Suas expectativas com o mundo e sua visão desse mundo se tornam confusas. Ele não cabe mais no seu mundo, como o seu mundo não cabe a ele.

Não é possível caracterizar o jovem em relação à cronologia, à quantidade de tempo, não se pode pontuar quando iniciam ou quando finalizam essas mudanças. Só se sabe que essas mudanças ocorrem e que acontecem com características claras, constituindo-se parte da história da juventude. De acordo com Levi e Schmitt,

[...] nesse sentido, nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modelo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado [...] (LEVI & SCHMITT, apud, ZUCCHETTI, 2003, p.80).

Com tantas transformações, o jovem começa a buscar um lugar onde possa iniciar a traçar seu futuro, buscar sua independência e a construção de seus valores. A partir dessas transformações, hoje o jovem anseia por uma oportunidade de expor e de se impor, para realizar aquilo que deseja.

1.2 O jovem, o trabalho e a educação

Iniciando a discussão da contribuição do trabalho e da educação para a construção de identidade jovem, tem-se como referência Farias (2006):

Tomando a idéia de identidade entendemo-la, dentro do pensamento clássico, como um conjunto de características ou propriedades que pertencem única e exclusivamente a um sujeito e que, assim, o torna passível de ser conhecido ou reconhecido, para tanto, este conjunto deve permanecer num intervalo de tempo, para que assim, se possa fundar o conhecimento sobre ele. Então, para um sujeito possa possuir uma identidade é preciso que permaneça o mesmo num intervalo de tempo. (disponível em: www.unesp.com.br. Acesso em: 20/08/2006).

Ao refletirmos sobre o significado do trabalho, encontramos, nesse histórico, significados e categorias diferentes. O trabalho, no início, era indigno para a condição humana, o que é comprovado com a origem latina do termo, *tripalium*, que designava, na época da escravidão, uma ferramenta, um instrumento de tortura.

Hoje, contrariando essa idéia, o trabalho dignifica o homem, traz a garantia de vida e proporciona *status*. Somos classificados moralmente na sociedade pelo trabalho que desenvolvemos, como também pelo salário que recebemos.

Durante nossa vida escolar, vamos projetando e idealizando a resposta à grande pergunta: "O que você vai ser quando crescer?". A expectativa por essa escolha atinge não somente a criança mas também os adultos que participam da sua formação, os quais idealizam e criam sonhos de um futuro promissor.

Assim, a busca por uma colocação no mercado de trabalho está intimamente ligada às transformações que acarretam a vida do jovem. Busca, então, um lugar onde poderá colocar, enfim, seus anseios em prática; onde poderá ser "bem visto" pela sociedade, como sujeito trabalhador, podendo, com isso, buscar, também, oportunidades para a realização de seus sonhos.

Zucchetti (2003) traz importante contribuição quanto ao valor dado ao trabalho pela juventude.

Sobreviver, então, está intimamente relacionado a trabalhar. Embora o trabalho não apareça como a única forma de estar no mundo, e outros valores componham a vida dos jovens adolescentes e de seus familiares, o trabalho ainda é a forma de garantir a manutenção da vida. (P.138).

Guimarães (apud Abramo, 2005) também destaca que

[...] a relevância do trabalho para esse segmento social advém não tanto de seu significado ético, mas principalmente da

preocupação com sua ausência no cotidiano, e afirma que são três os sentidos que ele assume entre os jovens: é um valor, uma necessidade e um direito. Nessa esteira analítica, sustenta que o trabalho é o *locus* não somente da produção de bens e serviços, mas também da produção de representações simbólicas dos jovens.

Com isso, percebemos que, além da vontade de buscar independência, existem outros motivos que levam nossos jovens à procura de um emprego, demonstrando, também, o quanto esse início tem relevância na formação do jovem e as expectativas depositadas nesse ingresso.

Assim, contra as certezas da opinião pública, entre elas a de que os jovens adolescentes, especialmente os das classes populares, perdem o sentido do trabalho como valor, é importante que se sublima que o trabalho tem sido um importante veículo de sociabilidade. É óbvio o sentido instrumental do trabalho, o de ganhar vida, manter-se e, muitas vezes, manter a família ou auxiliar no seu sustento, mas, para além do seu caráter penoso, o trabalho comporta uma forte dimensão social e pessoal [...] (ZUCCHETTI, 2003, p. 104).

Para cada jovem, o trabalho terá um sentido, porém o que o torna comum a todos é a angústia e o desafio ao ingressar nesse novo mundo. Progressivamente, surgem mais pesquisas em torno do jovem, da preocupação com o seu ingresso no mercado de trabalho, como também sobre iniciativas públicas, a fim de subsidiá-lo nesse processo.

Discutindo a contribuição do trabalho para a formação da identidade do jovem, cabe conceituá-la.

Tomando a idéia de identidade, entendemo-la, a partir do pensamento clássico, como um conjunto de características ou propriedades que pertencem única e exclusivamente a um sujeito e que, assim, o tornam passível de ser conhecido ou reconhecido. Para tanto, esse conjunto deve permanecer num intervalo de tempo, a fim de que, assim, se possa fundar o conhecimento sobre ele. Então, para possuir uma identidade, é preciso que o sujeito permaneça o mesmo num intervalo de tempo.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Nº 8.069, 13/07/1990, capítulo IV, Art. 53, "A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e da qualificação para o trabalho". Conforme a lei, toda criança e todo adolescente deveriam estudar, preparando-se para o trabalho, garantindo seu ingresso no mercado de trabalho. Porém, nossa realidade é diferente. Poucos jovens terminam o Ensino Fundamental e poucos conseguem ingressar no Ensino Médio. Conforme

consta no *site* do MEC³ (www.mec.gov.br), com base nos dados do Censo do IBGE⁴ de 2000, o número de jovens analfabetos a partir de 15 anos é de 16.294.889, representando um total de 13,63%, na população jovem do País.

Os motivos que levam nossos jovens a parar de estudar são muitos, mas sabemos que grande parte deles acaba desistindo do estudo por causa do trabalho, por necessitarem auxiliar nas despesas da família ou, até mesmo, para sustentá-la.

Conforme pesquisa da Ibase⁵, de janeiro de 2006, o gráfico abaixo mostra a situação do nosso jovem.

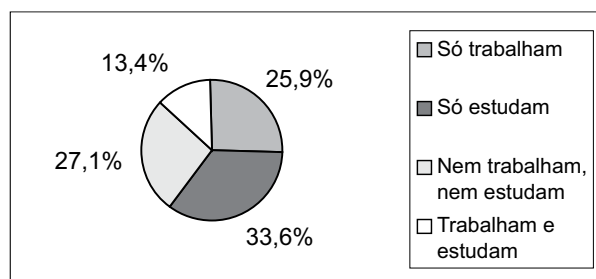


Figura 1: A situação dos jovens no Brasil entre 15 e 24 anos.

Percebe-se, através desse gráfico, que a minoria dos jovens consegue conciliar trabalho e estudo. Muitos não conseguem por falta de oportunidade ou por falta de condições.

Através desses dados, cabe refletirmos sobre o nosso sistema educacional, pensando sobre a oferta de ensino, com cursos noturnos, ou até mesmo, propostas que não se adaptam às necessidades do jovem que trabalha.

Outra implicação é a desvinculação entre ensino e trabalho. A incoerência entre o discurso e a prática existentes leva o jovem a não encontrar elo entre o que estuda na escola (se nela está incluído) ou o que considera como certo ou errado. Isso acaba disseminando seus conceitos, de modo que coloca em dúvida seus pensamentos e suas projeções quanto ao futuro e à realidade existente.

A realidade aponta para uma mudança de significados e paradigmas que proporcionem uma inter-relação entre educação e trabalho e unifiquem esses dois mundos, possibilitando ao jovem concluir um ensino básico e garantindo-lhe uma oportunidade de trabalho, assegurando uma garantia de permanência. O jovem que hoje ingressa no mundo de trabalho muitas vezes está despreparado para o papel que assume, não

conseguindo, dessa forma, desempenhá-lo. Isso gera, muitas vezes, rotatividade de emprego, sem perspectiva de crescimento e colocação no mercado de trabalho, demonstrando fortemente a necessidade de permanência no espaço educativo, a fim de que possa ter condições de concorrer no mercado globalizado e competitivo.

Ao discutir a necessidade dessa relação, pensamos primordialmente na necessidade de a empresa pensar seu funcionário, não somente o jovem trabalhador, como um sujeito que está em processo de construção de conhecimento. Paulo Freire (1987, p. 94) destaca que “não existem pessoas sem conhecimento. Elas não chegam vazias. Chegam cheias de coisas. Na maioria dos casos trazem consigo opiniões sobre o mundo, sobre a vida”.

Um dos equívocos é pensarmos que as pessoas, ao iniciarem um trabalho, não possuem nenhum conhecimento. Esse erro é semelhante ao cometido no processo educativo. Mesmo o trabalho não tendo como objetivo principal a educação, é importante que os trabalhadores não sejam tratados de forma alienada ao processo, para que possam tornar significativas as suas tarefas, mesmo que, rotineiras.

A relação trabalho-educação vem se tornando um campo teórico aprofundado e estudado por muitos, mostrando que a inquietação em relação a essa área está sendo muito discutida, o que suscita uma possível mudança de paradigmas. Kuenzer, em 1998, escreve sobre essa questão.

Apesar de ser lógico em face da racionalidade capitalista, considero este um falso dilema, que tem sua raiz na falta de clareza acerca da concepção da categoria trabalho, que acaba por dar aparente consistência à lógica própria da teoria do capital humano, que teima em estabelecer relação linear entre educação e emprego, e que, pelo visto, não resta totalmente superada entre muitos pesquisadores. (p. 69).

A mesma autora segue afirmando que:

Esta suposta linearidade, que continua existir por trás do discurso da relação entre reestruturação produtiva e educação, reveste-se da lógica quando nos atentamos à concepção do trabalho enquanto produção de mercadoria, a justificar a educação na perspectiva do investimento, agora não mais social, mas individual, como condição de empregabilidade, que expressa poder para competir em um mercado com oportunidades cada vez mais escassas. (p. 69).

³ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas.

⁴ Ministério da Educação.

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A fim de acolher esse jovem trabalhador e estudante, o ensino tenta aproximar-se do trabalho através de cursos técnicos. Porém, sabemos que esses cursos ainda não correspondem às demandas de trabalho. Acabam se formando profissionais técnicos sem abrangência humanística e sem visão holística, que são demandas necessárias para as cobranças do atual mercado de trabalho. Além disso, encontramos cursos nos quais tenta se fantasiar a realidade do mundo de trabalho. Há a necessidade de se vincular prática com teoria, para que o aluno tenha claro o que o espera nessa nova realidade. Relativamente, ao jovem que trabalha e estuda, uma fantasia faz com que a escola não busque a aproximação do seu dia-a-dia.

Ao ingressar no mundo do trabalho e continuando a estudar, o jovem está inserido em duas formas de aprendizagem: as formais e as não-formais. No estabelecimento de ensino, ele aprenderá os conteúdos estipulados pela escola, que contribuem para sua formação como aluno. No cotidiano de seu trabalho, ele desenvolverá tarefas que contribuem para a construção de conhecimento. No momento em que não se percebe esse vínculo, o jovem não consegue colocar em prática, no seu trabalho, o que ele aprende na escola. Da mesma forma, não poderá discutir, no ambiente escolar, questões que ele aprende no seu trabalho e que são repletas de sentido para ele.

Entre esses dois campos, é necessária uma intervenção tanto por parte dos professores quanto das chefias. Como já foi discutido, sabemos que ambos não conseguem se enxergar um no campo do outro.

Não é somente papel da escola, mas também da empresa, fazer esse jovem sentir-se inserido no processo. É necessário estabelecer uma relação entre esses processos de aprendizagem, para que eles possam ter significado positivo para o aluno, contribuindo para sua formação.

Fundamentando essa questão, Grinspun (2002) traz uma reflexão sobre o trabalho como princípio educativo e seu desenvolvimento fora e dentro da sala de aula.

O trabalho, como princípio educativo, não pode ser uma mera aprendizagem formal, teórica ou intelectualizada. Há de ser uma reflexão orientada por professores e especialistas com base na experiência vivida pelos alunos no trabalho desenvolvido dentro e fora da escola. Grande parte de nossos alunos das classes populares já ingressou no trabalho, portanto, não o desconhece. (2002, p. 121).

Sabe-se como é complicada a realização desse trabalho em espaços não-formais de aprendizagem. Se, para a escola, a tarefa já se torna consideravelmente complicada, para a empresa, ela é ainda mais singular e inovadora. Novamente, Grinspun traz uma contribuição para essa afirmação.

Falar da existência de um processo educativo dentro de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe aos conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e procedimentos formais pedagógicos. Essa questão educativa é atendida quando se tem o conhecimento da prática, procurando nela interferir. Não há hábitos, comportamentos, rotinas ou procedimentos preestabelecidos. Há princípios norteadores, assimilados por todo o grupo, que constroem a metodologia da ação, segundo as necessidades que a conjuntura lhes impõe. O importante é estar junto; a construção é coletiva. (GRINSPUN, 2002, p. 152).

À empresa, cabe o papel de propiciar momentos de troca e construção coletiva, quando o jovem e todos os funcionários possam construir um processo de aprendizagem.

É essencial a articulação entre os dois campos para que, a partir desse momento, o jovem seja compreendido como jovem aprendiz, possibilitando a construção de sua experiência construtiva como trabalhador.

Muitas vezes, o jovem busca uma oportunidade de ascensão imediata, mas, algumas vezes, esse fôlego e vontade são cassados. As expectativas por essa oportunidade de emprego se transformam em decepções, e o sonho pelo trabalho acaba se transformando em pesadelo.

Grande parte dessas decepções é oriunda das possibilidades que lhe são oferecidas. O jovem, como não possui experiência profissional, acaba se lançando na primeira oportunidade de emprego que lhe é oferecida, que, porém, nem sempre condiz com sua vontade.

Por sua inata vontade de busca, estará sempre atrás de oportunidades, pois está em busca do novo, traçando horizontes, iniciando uma nova fase de sua vida. O que ele precisa é de pessoas que possibilitem essa busca, não somente o trabalho, nem tampouco a educação. Porém, é questionável o vínculo que deve existir entre esses dois campos, fazendo com o que o jovem que estuda e trabalha possa ter suporte para se manter estruturado como aluno e como trabalhador, possibilitando a construção de sua aprendizagem.

A partir dessa discussão, não há como negar a importância do trabalho na formação do jovem como sujeito social, da mesma forma que não podemos retirar da sua formação o papel da escola. Devem-se criar cada vez mais possibilidades de inserção desse jovem nesses espaços.

É nessa faixa etária que o jovem está se constituindo como sujeito, conforme Abramo (2005) pontua, para

[...] tomar os jovens como sujeito de direitos significa, portanto, em primeiro lugar, reconhecer a especificidade de sua condição e a singularidade da sua experiência geracional; significa também olhar suas demandas como relevantes e pertinentes ao debate público. Exige, como aconteceu no caso das crianças e adolescentes, que se vá além da ótica que apreende os jovens como risco ou problema social, assim como da perspectiva que os situa apenas como sujeitos voltados para o futuro, negligenciando a sua vida e necessidades no presente.

As oportunidades oferecidas, hoje, ao jovem serão as conseqüências de seu futuro. No momento em que se sentir incluído e valorizado na sociedade, ele poderá facilmente prever metas e objetivos. Do contrário, suas expectativas poderão ser frustradas, transformando-o em um sujeito sem expectativas e visões de futuro.

Dessa forma, fortemente relacionado à formação de identidade do jovem, pelo conceito trazido neste artigo, o trabalho tem grande influência e valor moral para os jovens. Assim, contribui diretamente para a sua construção como sujeito na sociedade, o qual irá compreendê-la e significá-la.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FARIAS, Charles Soares de. **Como é possível o sujeito auto-organizado, segundo o critério da identidade?**. Disponível em www.unesp.com.br. Acesso em: 20/08/2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KUENZER, Acácia Zeneida . **Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo**. São Paulo: Cortez, 1997.
- LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs). **História dos jovens I: da antiguidade a era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RAMOS, Marise Nogueira. **A Pedagogia das Competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.
- RODRIGUES, Magda Tyska. **Mais do que gerir, educar - Um olhar sobre as práticas de gestão como práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Qualitmark: 2004.
- ZUCCHETTI, Dinorá Tereza. **Jovens: A educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.